



Editorial

A Vazantes nasce com este primeiro número dedicado a investigar os aspectos teóricos, artísticos e metodológicos da matéria, dos processos de materialização e dos novos materialismos na pesquisa em artes. Desde o século XIX, pensadores importantes como Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud, retiraram do ser humano consciente o protagonismo absoluto de processos históricos, de processos sócio-culturais e de processos psíquicos, em todos os casos levantando questões complexas que articularam novos modos de perceber e representar o real, ecoando assim em novas metodologias de pesquisa acadêmica e artística. A arte, a filosofia e a ciência no século XX desconstruíram, de diversas maneiras, o projeto cartesiano da modernidade que separou em categorias opostas o corpo e o espírito, o material e o imaterial, o visível e o invisível, o que também fortaleceu a emergência e consolidação de hermenêuticas materialistas na investigação do mundo, da arte, da história. Desde o Maio de 68 até a transição para o século XXI, é notável também um aprofundamento vertiginoso de questões referentes à materialidade da experiência e do debate sobre novos materialismos como lentes epistemológicas para dar sentido a esta experiência. Os estudos do corpo e da performatividade, por exemplo, em atravessamento contínuo com os ativismos políticos das minorias sociais, suspenderam as fronteiras supostamente seguras que dividiam os domínios do linguístico e do corpóreo, ressaltando assim não apenas uma materialidade da linguagem, mas também uma linguística da materialidade, dois movimentos que reconfiguram o entendimento do corpo, da realidade e do poder na contínua articulação política do social. Para a filósofa feminista norte-americana Judith Butler, por exemplo, “a materialidade do corpo, e mais além a materialidade em si, é produzida por (e em direta relação com) o investimento do poder”, esclarecendo assim que o corpo não pode ser tomado como uma “materialidade independente, uma superfície estática ou um lugar no qual um investimento [de poder] vem subsequentemente marcar, significar ou penetrar; o corpo é aquilo para o qual a materialização e a investitura são coextensivas” (Butler, *The Psychic Life of Power*, 91). Sabemos que todo esse desdobramento teórico e metodológico sobre a matéria, o materialismo e a materialização no último século e meio coincide com o crescente aparecimento do corpo na arte e da corporificação do discurso poético como obra de arte. Mas, a rigor, a arte sempre foi um domínio privilegiado para a

reorganização e fruição da matéria e da materialidade como modo de mediar e/ou acessar a experiência histórica. Este número da *Vazantes* parte de um pressuposto, portanto: que a arte é em si mesma um modo específico de materialismo, isto é, uma hermenêutica e uma metodologia fundamentada na/pela matéria, a proporcionar uma certa ideia de mundo – e mesmo modelos alternativos de mundo. A maior parte dos artigos aqui reunidos indagam sobre como a pesquisa poética com a matéria e com os processos de materialização respondem ao mundo contemporâneo e suas discursividades. Que questões, conceitos e teorias são articulados, tensionados, reconfigurados pela conformação material do pensamento empreendida pelos artistas e pelas obras? Que rede de relações sociais, econômicas, políticas, epistemológicas, estéticas etc. podem ser traçadas pelo pesquisador atento à matéria e à aos processos de materialização na arte/vida? Que novas metodologias, que novos materialismos estão sendo forjados por artistas, filósofos, cientistas hoje, e como estes materialismos nos permitem criar novos sentidos para a experiência corporificada, histórica, social? As respostas a estas questões são múltiplas, assim como os próprios regimes de materialidade dos fenômenos sociais e artísticos que emergem nessa edição. Ressaltamos neste sentido, por exemplo, a importância da tradução original para o português de dois ensaios fundamentais originalmente escritos em inglês, que de modos distintos investigam a política epistemológica da performatividade e dos processos de materialização na pesquisa em arte, filosofia e ciência. O hoje clássico ensaio de Karen Barad, *Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter* [Performatividade pós-humanista: para entender como a matéria chega à matéria] aprofunda uma crítica ao modelo conceitual de “performatividade” que, apesar de todos os avanços, não rompeu com uma crença arraigada no homem como centro da agência performativa – sobretudo através de seu foco acrítico na linguagem como princípio da ação performativa. Em paralelo, *Inscribing Dance* [Inscrever a Dança], de André Lepecki, também suspende qualquer sentido teleológico da relação de performatividade entre corpo e linguagem através de uma crítica profunda da prática-conceito da “coreografia” como uma máquina espectrológica da modernidade. Entender a matéria em termos espectrais reafirma a materialidade de fenômenos compreendidos como imateriais, o que por sua vez direciona nova força crítica para o materialismo histórico e os novos materialismos. Em um artigo originalmente escrito para a *Vazantes*, em espanhol, os pesquisadores chilenos radicados em Nova York, Ángeles Donoso Macaya e César Barros, retracam a trajetória estético-política de uma matéria historicamente densa no Chile, o *aserrín* (a serragem), numa importante instalação de Araya-Carrión montada em um antigo prédio da ditadura militar chilena. Aqui, a conformação matériaica do *aserrín* no trabalho artístico emerge como resíduo (não-metáfora) de um passado que reorienta o olhar sobre o presente. De modo análogo, Felipe Ribeiro examina os significados de resistência e insistência do “entulho” numa instalação do artista Yuri Firmeza, ressaltando a matéria na obra artística em sua capacidade de

especialização da história do Rio de Janeiro. Recuperando argumentos importantes de Karen Barad, Kaciano Gadelha propõe uma releitura de um texto clássico da psicanálise de Viktor Tausk e identifica aí uma outra genealogia da sexualidade que não se fixa nos aspectos humanos e discursivos da materialidade sexual. Também interessada em ir para além do humano, Emyle Daltro propõe a leitura de uma instalação coreográfica de Marta Soares como oportunidade de decolonização do conceito de composição coletiva em dança a partir de uma aguda atenção aos arranjos sociomateriais mobilizados na obra. Outra importante contribuição nesse aspecto aparece no artigo de Antonio Fatorelli sobre o trabalho fotográfico de Cleverson Oliveira, o qual teoriza as possibilidades temporais da imagem que materialmente repensam as figuras da diferença e redimensionam os papéis habitualmente atribuídos à representação fotomecânica e às artes manuais. Numa discussão mais fundamentalmente filosófica sobre a arte, o artigo de Fabrizio Poltronieri revela estruturas de pensamento que encontram na condição de precariedade sua mobilidade conceitual e desenvolve assim uma leitura do modo de ser da arte enquanto jogo lúdico e estético cuja base conceitual é a própria precariedade. Também interessado em ampliar uma compreensão nuançada das dinâmicas de precariedade material, Gabriel Menotti trata em sua contribuição de dois estados particulares dos objetos técnicos: o protótipo e a gambiarra, tomados como perspectivas divergentes sobre o desenvolvimento da tecnologia, tanto em termos historiográficos quanto epistemológicos. Em outra contribuição originalmente concebida para a *Vazantes*, esta na forma experimental de um “contramanifesto”, o Coletivo 28 de Maio, constituído pelos artistas-professores Jorge Vasconcellos e Mariana Pimentel, articulam para a pesquisa em artes as bases conceituais para uma teoria-prática da ação estético-política. O artigo de Claudia Marinho e Luciana Eloy traça, a partir de fundamentos da Crítica de Processo, algumas relações entre processos de construção de conhecimento no campo da arte e as relações com o espaço, contribuindo assim para um entendimento ampliado da relação entre arte e pensamento. O dossiê conta ainda com duas contribuições de jovens pesquisadores que atualmente exploram os novos materialismos na pesquisa em arte, Ernesto Filho e Vanessa Lopes, ambos partindo de novas abordagens em teorias do corpo que resistem velhas dicotomias entre o material e o imaterial. O primeiro número da *Vazantes* conta ainda com duas importantes contribuições artísticas: a intervenção de Filipe Acácio ao longo de toda edição, na capa principal e nas capas dos artigos; e a escrita performativa da Inquieta Cia. no “Arquivo do Pior”, experimento poético dos artistas da companhia para “arquivar” a dimensão sensível de todo um processo de criação artística que culminou na composição da peça “Pra Frente o Pior”, mas que foi muito além desta obra, multiplicando-se em ações e proposições participativas com o público e diferentes instituições na cidade de Fortaleza. É portanto com esta pluriversalidade radical de formas e fluxos intensivos do pensamento e da criação em arte que a Revista *Vazantes* dá seus primeiros passos. Aponta-se assim uma missão editorial que visa

aproximar o fazer artístico da ação de vazar: uma visão da arte como algo que escapa aos limites pré-definidos, aos enquadramentos e taxonomias pré-determinados, às formas e representações imutáveis e exteriores à própria experiência estética de estar-no-mundo, com todas as suas implicações políticas, epistemológicas e sensíveis.

Realização

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Este projeto recebeu apoio do Programa de Estímulo às Artes Visuais da Funarte